

Dois por cento para o ES

Ennio Candotti

O Espírito Santo responde por cerca de 2% do PIB nacional, no entanto, os indicadores do desempenho de sua universidade e infra-estrutura científica e tecnológica correspondem aos de Estados com PIB bem menor.



Recente estudo realizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq e publicado na revista **Ciência Hoje** revela que dos 4.400 grupos de pesquisa existentes no país apenas 38 se encontram no Estado.

Santa Catarina, com uma participação no PIB de 3%, tem 142 grupos, Pernambuco com 2,9% tem 119, e a Paraíba com 0,7%, 118. No entanto, 78% dos grupos de pesquisa localizam-se no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas, que juntos respondem por 67% do PIB nacional.

Há 10 anos, o Governo federal investe, na Capes-MEC e CNPq-MCT, entre 600 e 700 milhões de reais por ano, no programa de formação de recursos humanos de alta especialização e particularmente nos cursos de mestrado e doutorado. Este foi o único programa de grande porte em C&T, que não sofreu cortes ou descon-

tinuidades neste longo e turbulento período da economia do país.

De início, os resultados foram modestos, um doutorado exige de 5 a 6 anos além do tempo de graduação, mas, recentemente, os números vêm crescendo significativamente: formamos dois mil doutores e 6.000 mestres por ano. Hoje, estão inscritos 39.000 alunos nos 1.000 cursos de mestrado e 11.000 nos 500 cursos de doutorado.

Há porém um dado preocupante nesse horizonte. A maioria dos recém-doutores procura se fixar nas universidades do Centro-Sul, onde já se concentra mais do que 78% da pesquisa científica do país. Lá são oferecidas as melhores condições de trabalho.

Faltam à política do Governo Federal diretrizes descentralizadoras capazes de corrigir essas distorções. Faltam projetos, metas seletivas e agressividade, às universidades das regiões periféricas e, sobretudo, determinação para implantar a pós graduação e criar laboratórios capazes de atrair cientistas competentes e jovens doutores.

É imperativo, no moderno desenvolvimento econômico, contar com uma infra-estrutura de competência em C&T instalada nos Estados. Laboratórios e centros de pesquisas que não precisam cobrir todos os campos do conhecimento, mas em algumas áreas devem

ser excelentes. Exemplos.

Estabelecendo no ES a meta de alcançar, em dez anos, 2% da produção científica e tecnológica nacional, devemos observar alguns números significativos e lembrá-los ao planejar a formação de recursos humanos e de implantação de laboratórios de pesquisa, peças fundamentais em uma política de ciência e tecnologia para o Estado.

Estima-se que atualmente estão envolvidos no país, em atividades de inovação tecnológica, pesquisa e desenvolvimento científico, cerca de 50.000 engenheiros especializados, mestres e doutores. Pode-se supor que até o ano de 2006, com uma taxa de crescimento de 15% ao ano, cheguem a 200.000. Desses, o número de doutores que hoje é 15.000, deverá alcançar 60.000.

É razoável imaginar portanto que, desses doutores, 2%, i.e. 1.200 trabalhem nos laboratórios dos institutos ou de empresas de tecnologias aqui instaladas.

Para atrair e ocupar produtivamente esses especialistas é imprescindível consolidar os laboratórios e cursos de pós-graduação existentes e promover, quando necessário, a criação de novos núcleos.

Desses 1.200 doutores, considerando os 150 professores que na Ufes já têm essa titulação, seria

oportuno estabelecer que, em 10 anos, pelo menos 200 devem ser formados aqui e 850 fora, no exterior ou em outros centros do país.

Para alcançar essas metas, observando que, em início de 1996, no departamento de Fisiologia, laureou-se o primeiro doutor da Ufes, deveríamos formar aqui, nos próximos três anos, pelo menos 20 doutores, sustentando depois taxas de crescimento de 40% ao ano. Bem superiores portanto à média nacional.

Esse é o passo mais difícil, sem dúvida formar mais 19 doutores nos próximos três anos. É nesse objetivo que devemos concentrar os nossos esforços. Não é impossível. O número de mestres formados a cada ano – hoje 35 – vem crescendo e muitos professores da Ufes estão completando o seu doutoramento no país ou no exterior. Além disso, dos 14 cursos de mestrado existentes, pelo menos mais dois: engenharia elétrica e doenças infecciosas, além da própria fisiologia, têm qualificação para oferecer, desde já, cursos de doutorado.

Recursos humanos e financeiros para alcançar essas metas não faltam, afinal investem-se hoje nos programas de bolsas de pós-graduação mais de 700 milhões de reais e 2% desse valor significa 14 milhões, o triplo do que chega atualmente aos nossos laboratórios e suficiente para sustentar nossos planos. Falta talvez coragem para acender um fósforo ao santo e outro ao espírito.

Ennio Candotti é professor da Ufes

A maioria dos doutores procura se fixar nas universidades do Centro-Sul